

# Sino Atzul

N.º 1 — 1963



# Sino Azul

ANO XXXVI N.º 1 — 1963

CAIXA POSTAL  
N.º 450 - ZC - 00  
RIO DE JANEIRO

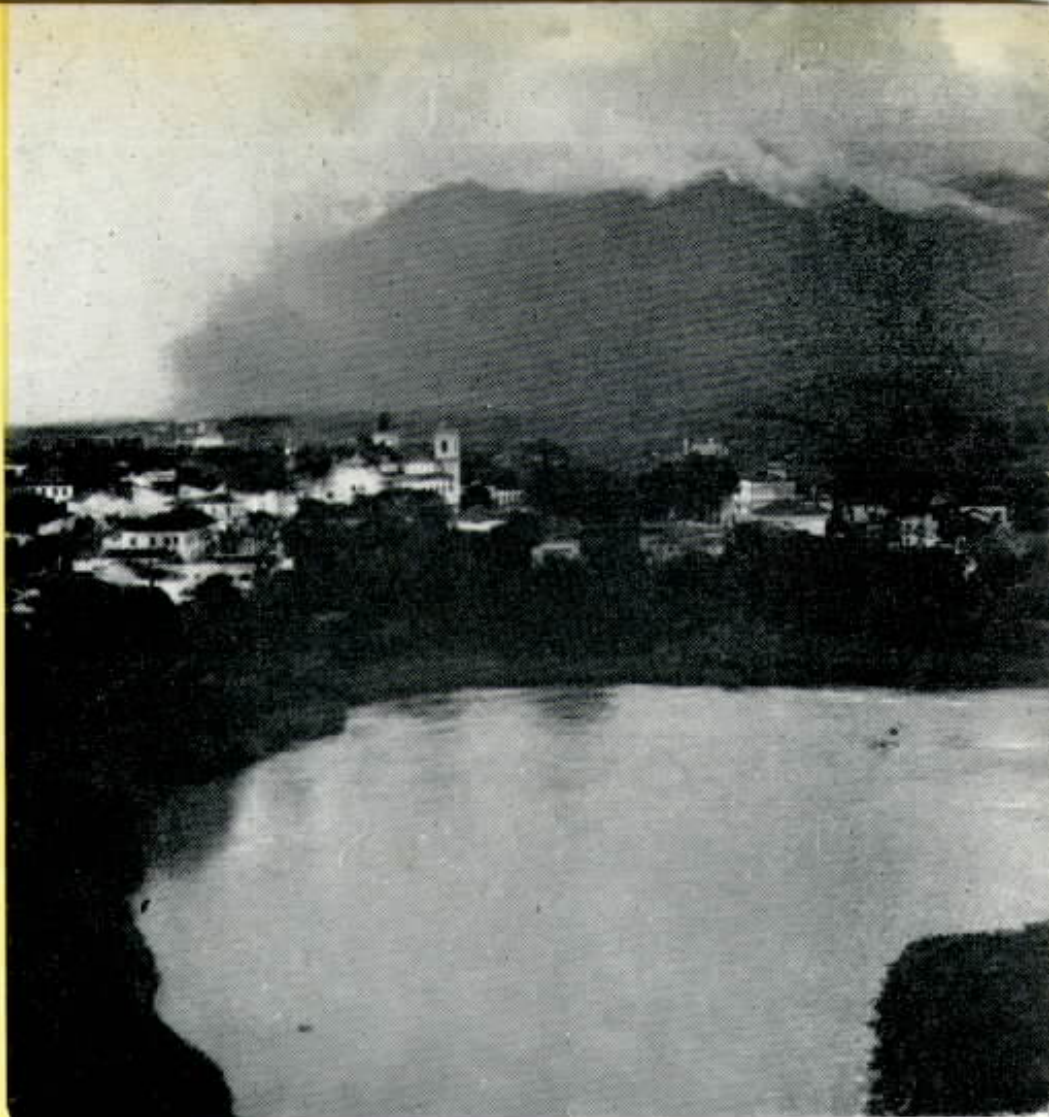


REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES:  
COMPANHIA TELEFÔNICA  
BRASILEIRA  
COMPANHIA TELEFÔNICA  
DE MINAS GERAIS  
COMPANHIA TELEFÔNICA  
DO ESPÍRITO SANTO



## NOSSA CAPA

Maria José, Sonia e Wanda, trio interessante de colegas telefonistas, junto a um pequeno avião no Aero Clube de Resende.



A cidade de Resende, terra de esplêndidas tradições. Ali, à margem

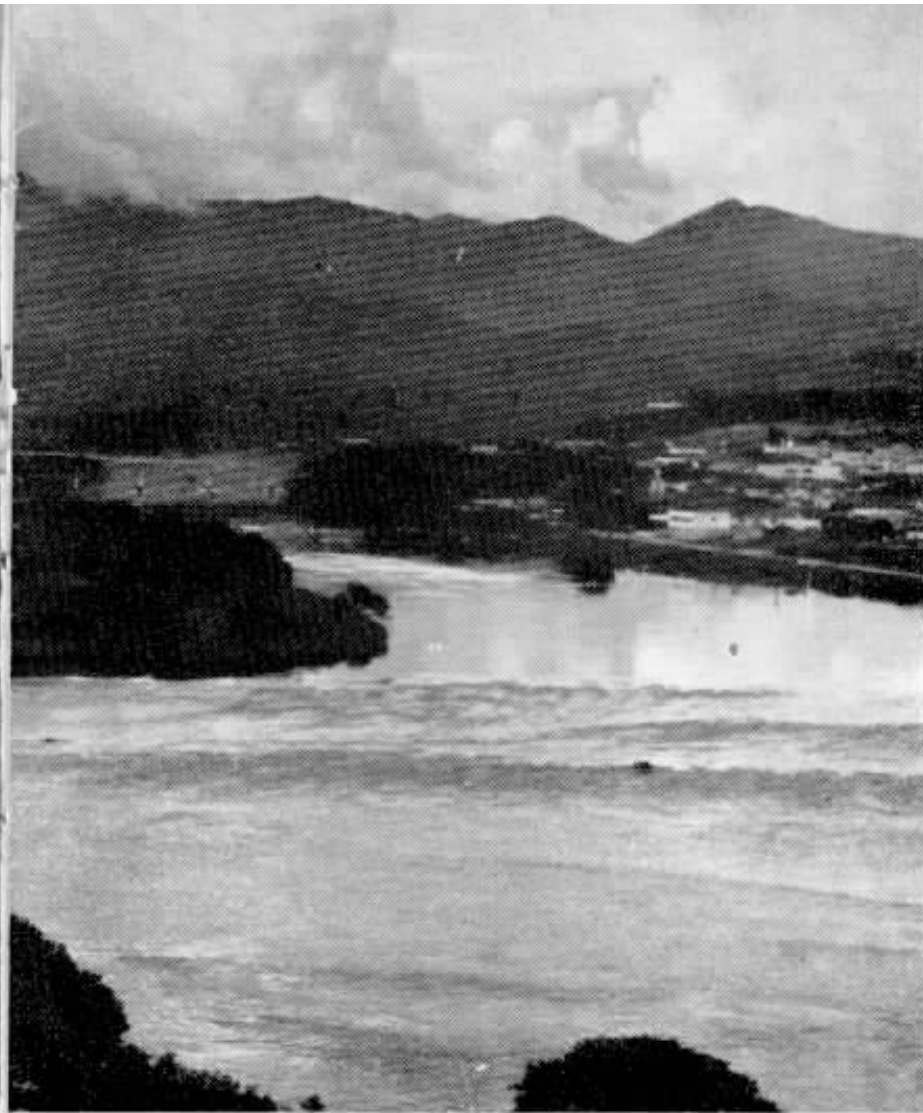
# Resende

A FEBRE do ouro, responsável pelo surgimento de tantas e tantas cidades, é, segundo alguns autores, também a razão do surgimento no mapa do Brasil, da hoje belíssima cidade de Resende.

Do século XVI ao XVIII, essa legítima febre contagiou bandeirantes e aventureiros que se internavam selva adentro, na marcha civilizadora que ia semeando povoações e fazendo história. Por esta razão, a primazia da exploração na região onde hoje se encontra Resende, coube aos faiscadores que

transitavam pelo Paraíba em busca das Minas Gerais.

Conta-se que, em 1715, da concessão feita por Dom João V a Garcia Rodrigues Paes Leme, faziam parte as terras de Resende. Todavia, tem-se como certo que a sua colonização só se verificou em 1744. Foi por essa época que, procedentes de Aiuruoca, em demanda dos rios auríferos da região de Itatiáia, na Mantiqueira, chegaram os primeiros colonizadores, que se estabeleceram na margem esquerda do Paraíba, onde atualmente se ergue a vila de Agulhas Negras. Afirmam



do Rio Paraíba, formam-se os oficiais de nosso Exército.

O negro escravizado veio cooperar decisivamente para o surto econômico verificado no período de Brasil Império, sobretudo no setor agrícola, com as largas extensões de terra cultivadas com café. As primeiras mudas de café plantadas em Resende, aliás, foram ofertadas por volta de 1780 pelo bispo Dom José Joaquim Justiniano ao padre Antônio Couto da Fonseca, então residente na localidade. Encontrando ali boas condições de cultura, o café foi plantado em quase tôdas as fazendas da antiga Vila de Campo Alegre, de onde se irradiou por todo o Vale do Paraíba, passando, a seguir, para as províncias de Minas Gerais e São Paulo. Diante do seu progresso, o Governo resolveu promover a instalação da Vila, o que se verificou a 29 de setembro de 1801, quando recebeu a denominação de Resende, em homenagem ao quinto vice-rei, Conde de Resende, à época, Governador do Brasil.

Tempo depois, além dos elementos portugueses e africanos, começaram também a afluir colonizadores

Silvio N. Pinto é o encarregado Comercial da CTB, no local.

alguns historiadores que entre êsses pioneiros se encontravam o bandeirante Simão da Cunha Gago, o padre Felipe Teixeira Pinto e Máximo Barbosa. O primeiro nome que deram à terra foi o de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre da Paraíba Nova. Desde então começou a região a ser freqüentada por levas de faiscaidores que levantaram primeiramente ranchos de tropa, e, mais tarde, casas residenciais, acabando por se fixarem no solo onde começaram a surgir as fazendas.

Já em 1747, graças ao desenvolvimento que as notícias favoráveis propiciaram, era ali erguida a primeira capela, recebendo Resende, dez anos depois, o predicamento de freguesia.

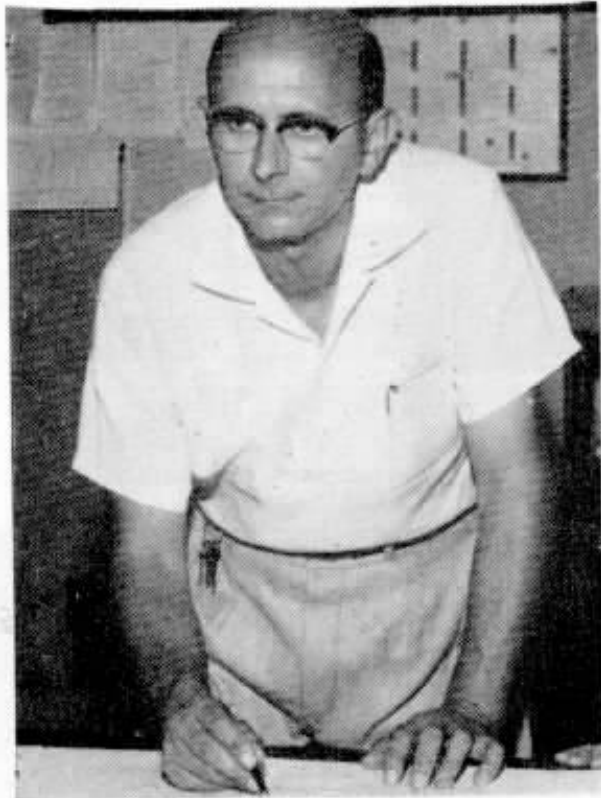




Telefonistas operando na mesa telefônica da cidade. Há um milhão de telefones em funcionamento ali.

veu o lugar de destaque de que desfrutou dentre as demais localidades fluminenses. Tal foi o seu desenvolvimento que, em 1848, era elevada à categoria de cidade, período de prosperidade que, todavia, só perdurou enquanto a lavoura local pôde contar com o braço escravo, modificando-se tudo com o advento da Lei Áurea.

Durante a República, no governo do Marechal Hermes, foi tentado um repovoa-

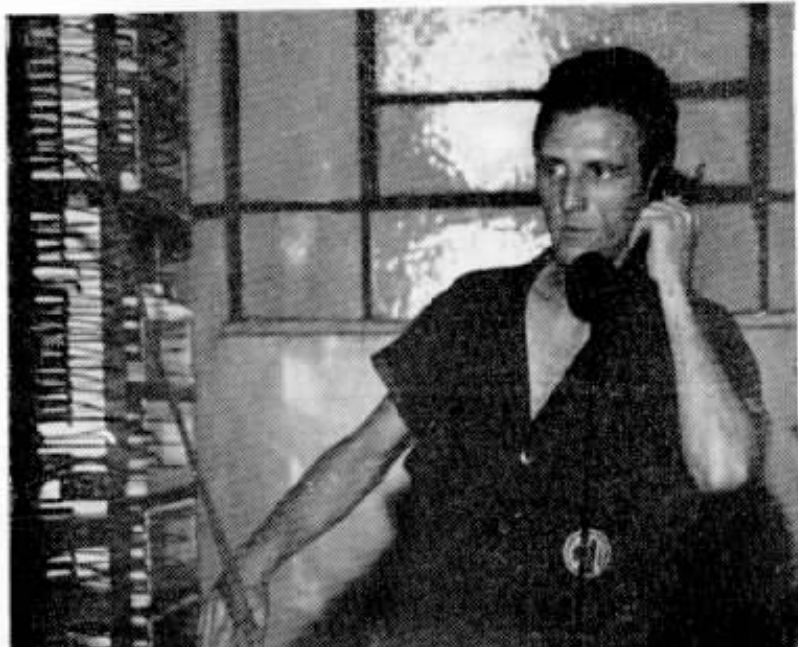


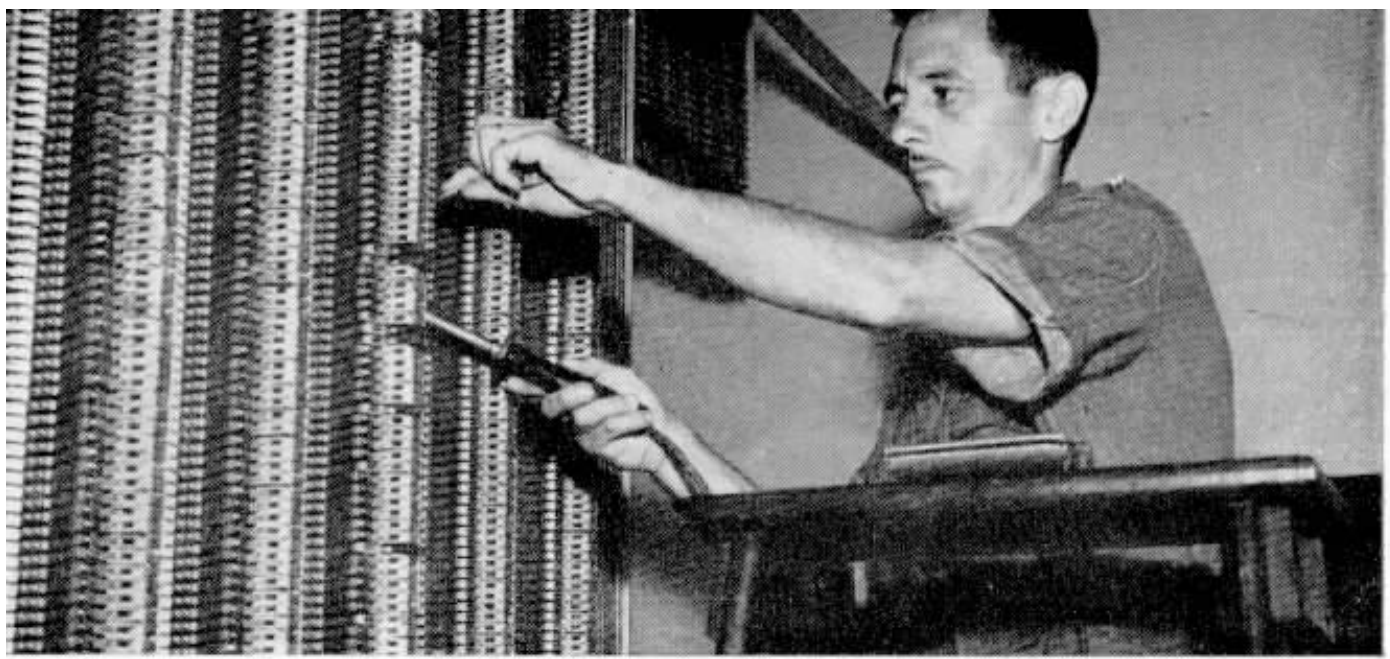
Gentil Melo é o encarregado da Rede. Tem sério problema: roubo de fios.



Noêmia M. Lourenço e Manuel Marques F.º, do Tráfego, consultam normas de serviço.

de origem alemã, notadamente sob o governo de D. Pedro II, o que facilitou a criação da chamada Colônia de Pôrto Real. Os imigrantes dedicaram-se à cultura da cana de açúcar, na qual obtiveram considerável êxito. Foi ao desenvolvimento de sua lavoura que, no Segundo Reinado, Resende de-





Outro dedicado conservador, sempre atento à tarefa quotidiana, na Rêde: Haroldo da Silva Raposo.



Nelza G. Silva, responsável pelo Tráfego, e a encarregada Shirley Maria Cardoso, de pé, estudam horário de trabalho.

rência da Escola Militar (de Agulhas Negras atualmente) para Resende, motivou uma série de melhoramentos que contribuíram para que a comuna readquirisse o antigo prestígio.

Hoje, com 60 mil habitantes, o município tem oito distritos e se encontra bem em meio a um entroncamento rodoviário da maior importância, com inúmeras atrações turísticas das quais a principal é o imponente Parque Nacional de Itatiáia, com 120 km<sup>2</sup> de reservas florestais e o Pico do Itatiáia de 2.787 m de altura.

Cêrca de mil telefones estão instalados ali, pela CTB. Nelza Gomes da Silva,

mento do solo, mas resultaram frustradas as tentativas com os núcleos coloniais Visconde de Mauá e Itatiáia. Atualmente, a pecuária e a agricultura constituem as riquezas econômicas locais mais importantes, achando-se regularmente desenvolvida a indústria. A transfe-

A esquerda, Homero G. Viana e Orlando Correia, à direita, são dois colegas sempre vigilantes pela boa conservação da Rêde.



Alayde Magalhães da Silva, aproveita bem a Praça Oliveira Botelho, para descansar e passear com a filhinha Cláudia.

Calçado escolhido com carinho: Luiza S. Nocelli, que é nossa colega, experimenta um sapato, pelas mãos de seu marido Antônio, empregado da loja.



Telefonista-Chefe, tem 29 auxiliares sob sua orientação. A Rêde tem em Gentil Martins de Melo o seu encarregado, o qual com seus quatro auxiliares, mantém o serviço e enfrentam o sério problema que é o roubo de fios, que só no mês de janeiro último, aquela área sofreu 124 furtos, totalizando 181 620 metros de fios, causando 34 302 horas de interrupção nos circuitos e custando a reposição Cr\$ . . . . 5 303 664,80. Finalmente, a Silvio do Nascimento Pinto, cabe a tarefa de zelar pelo Departamento Comercial, do que plena conta.

Ivone Almeida Barros e Juciara Rodrigues Gomes na Praça Centenária, diante da estátua ao soldado do Brasil.



Junto ao majestoso portão da Academia Militar das Agulhas Negras, Dulceina Honorato e Ana de Souza Teixeira fazem a bela moldura que a ocasião comportava e o resultado aí está: uma bela foto.



Eximia acordeonista, Octacília Mariano faz das suas horas de lazer, bons momentos musicais.



A máquina de costura tem sempre utilidade: Arydinizia F. Mariano e Tereza C. Rosa bem o sabem.



A Lederle tem, em Resende, magníficas instalações. O Sr. Onyr Izoldi, da fábrica, mostra as nossas colegas Maria A. Souza e Tereza C. Rosa, como funciona aquele modelar serviço farmacêutico.



# A LIGAÇÃO ERRADA

Conto de JOÃO MARTINS

“Marilene apareceu muito tarde, quando eu já me sentia no fim do meu caminho. Olhando agora para trás é que percebo como a minha existência tinha sido, até então, vazia e incolor. Sempre fui um sujeito tímido, cheio de receios e insegurança, enquadrado, por simples covardia, na mais rigorosa moral e na mais perfeita honestidade. Casei com mulher pobre e feia. Compartilhamos, durante vinte e cinco anos, a mais irrepreensível monotonia. Nunca tivemos grandes aborrecimentos, nem brigas, nem tristezas. Em compensação, nunca tivemos também grandes prazeres, arroubos nem alegrias. Éramos um símbolo do casal exemplar, dêsses de quem ninguém fala mal, dêsses que são apontados como base da sociedade. E, como nenhum atrativo especial me prendia em casa e os meus únicos vícios eram fumar, colecionar selos e cuidar das finanças do clube recreativo de que era tesoureiro perpétuo, no Grajaú, onde morávamos, nada me impedia de ser um funcionário excepcional. Era sempre o primeiro a chegar e o último a sair do trabalho. Adorava fazer serões.

Na realidade, trabalhar era o meu grande divertimento. Não conhecia outros melhores.

Rememorando tudo isso, custo a acreditar que tenha chegado à situação em que cheguei. Não há a menor dúvida de que tôda a minha vida sofreu uma guinada violenta por causa de um simples telefonema errado.



E, ao constatar êsse fato, descubro que tôdas as coisas importantes me aconteceram pelo telefone. Foi pelo telefone que falei com minha mulher pela primeira vez. Ela era sobrinha de um colega. Órfã, vivia com êle e a espôsa. Aos vinte e qua-

tro anos de idade já era um artigo praticamente encalhado. Sendo eu solteiro e retraído, sem namoradas, o casal me escalou como elemento ideal para livrá-lo da carga. E lá um dia o telefone tocou, no escritório onde eu era, então, guarda-livros: — O Arnaldo está?

Arnaldo era o tal colega de trabalho. Não estava.

— É o Sr. Bartolomeu de Assis que está no aparelho? — insistiu a voz.

Bartolomeu de Assis sou eu. A voz se identificou. Já me conhecia de nome. Eu, por minha vez, já tinha sido informado pelo Arnaldo, da existência daquela sobrinha, “môça direita, quieta, prendada, tipo de mulher nascida para o matrimônio”. Parecia que tudo havia sido combinado. Foi uma conspiração primária, mas que deu resultado. Eu era uma vítima fácil. Daquele primeiro diálogo ao casamento, não resisti mais de dez meses. Nosso namôro se desenvolveu com telefonemas diários, dela para mim. Tinha uma voz microfônica, bem timbrada, deliciosa de se ouvir. Em resumo: seja por causa da voz dela ao telefone, seja por incapacidade de re-

sistência a um assédio, seja porque eu vivia sozinho precisando mesmo de uma companheira, mas sem temperamento para conquistar uma outra melhor do que aquela, a verdade é que acabei casando-me com a sobrinha do Arnaldo.



Foi também pelo telefone, vinte e cinco anos depois, que recebi a notícia da morte da minha mulher. Ela havia saído para tratar a missa com que comemoraríamos as nossas bodas de prata. Um loteação em disparada a atirou para o céu. Morreu de fratura do crânio ao cair na calçada.

Os seus telefonemas me fizeram falta. Durante aqueles vinte e cinco anos, ela não deixara de me telefonar um só dia. A sua voz continuava a mesma. Aliás, ela própria quase não havia mudado nada naquele quarto de século. As feias e magras têm pelo menos essa vantagem: não são afetadas pela idade.

Só dois anos depois outra mulher tornou a me telefonar. Era ligação errada, mas, mesmo assim, revolucionou a minha vida. A única coisa que me espanta é como tive coragem de puxar conversa com uma desconhecida que discara o meu número por engano. Com certeza

foi a sua voz. Igualzinha à da sobrinha do Arnaldo. No mais, conforme constatei depois, em nada se parecia com a minha prendada, quieta, recatada e falecida espôsa. Marilene era morena jamba, mais alta do que eu, tipo atraente, igual a vedete de teatro revista. Em pouco tempo, fiquei sabendo que morava na Glória e que adorava conversa pelo telefone. Ela sempre dizia:

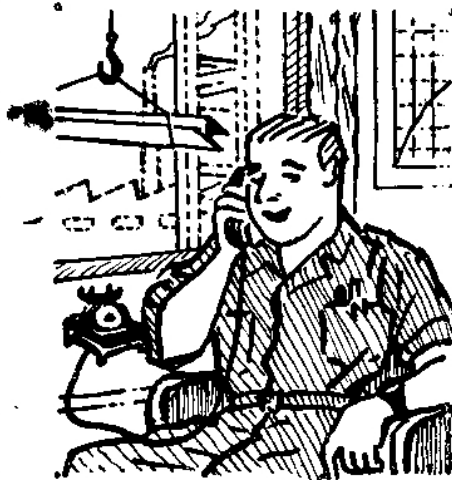
— Não sei o que seria de minha vida se não tivesse telefone...

Aos poucos, comecei a sentir ciúmes. Comecei a querer que ela só fizesse chamadas para mim. E foi aí que tive de sair da inflexível linha de austeridade que tinha me guiado por toda a existência.

Minha carreira profissional, dos vinte e seis anos em diante, quando consegui o grau de contador, pode ser resumida em poucas linhas: depois de nove anos de trabalho caninamente fiel numa firma atacadista, fui indenizado e gentilmente despedido, para evitar a estabilidade. "É norma da casa", disseram-me. Explicação desnecessária, pois eu bem a conhecia. Mas pensara que ia ser a clássica exceção.

Em seguida, fui contador, durante dezessete anos, numa gravadora de discos. Assisti, sem nada poder fazer para impedi-lo, o dono da empresa preparar tudo para dar um rombo na praça e entrar em concordata. Até o

último momento, acreditei no que ele me dizia, de que todas aquelas manobras eram parte de um plano para maior expansão dos negócios. O resultado é que me vi envolvido numa operação duvidosa, nada ganhei e fiquei sem emprêgo, enquanto ele seguiu para a Europa até que os credores mais renitentes o esquecessem. Tive então de passar algum tempo fazendo a escrita comercial de diversas firmas pequenas, trabalhando por tarefa. Com mais de cinqüenta anos de idade, tudo o que possuía era um apartamento modesto, comprado por financiamento na Caixa Econômica, os respectivos móveis e utensílios, e um dinheiro no banco que não chegava ainda para a concretização do mais velho sonho: a compra de um automóvel.



Um dia, o meu telefone tocou e por ele veio o convite que se tornaria a minha grande oportunidade. Fui ser contador de uma nova fábrica de estruturas metálicas. O proprietário era um jovem engenheiro que tinha algum capital, muita ambição e suficiente competência. O negócio prosperou rapidamente. A fábrica e as encomendas cresciam em ritmo inflacionário. Eu já tinha até promessa de ser promovido a sócio da firma, quando Marilene me telefonou.



Pela primeira vez na vida, descobri outros prazeres além do cigarro, da coleção de selos, das finanças do clube recreativo do Grajaú e do trabalho. A voz de Marilene, a presença de Marilene, a graça inconseqüente de Marilene, faziam com que eu me sentisse um jovem alegre e romântico, um jovem como eu nunca havia sido. Passei a conhecer o que era amor e o que era ciúme. Em outras palavras: apaixonei-me. E, naturalmente, agia como um apaixonado. Davalhe presentes caros, muito acima das minhas possibilidades. Prometi-lhe comprar apartamento na Zona Sul quando nos casássemos.



se. E à minha pergunta da razão daquilo, respondia apenas, sempre com as mesmas palavras:

— Estive pensando. É melhor, é melhor para você e para mim...

Tôdas as insistências foram inúteis. Não sei o que aconteceu. Teria ela descoberto que eu não era o milionário que aparentava? Teria ela encontrado um amor mais jovem? Teria ela apenas se cansado da conversa e da figura de um velho como eu?



perada, valia tudo. E continuava, como um obsecado, como um intoxicado, a cultivar aquela paixão.

Cheguei a um ponto que me sentia como numa vertigem, à beira de qualquer loucura, de qualquer desonestidade, de qualquer coisa que me permitisse conservar a ilusão daquela jovem, de que eu era mais do que na verdade era, de que os meus recursos eram muito maiores do que aqueles que na verdade possuía.

Foi minha culpa, confesso. Na ânsia de atraí-la, no medo de perdê-la, sabendo da nossa diferença de idade e na minha falta de maiores encantos, eu a fiz crer que era um homem rico. Só não podia imaginar que iria ser vítima da minha própria mentira.

Quando dei por mim, estava afundado em dívidas. Tomei empréstimos na firma até ao máximo que a amizade e a confiança do engenheiro permitiam. E depois tive de recorrer ao velho Isaac, um agiota que eu havia conhecido no período de apertos do desemprego. Hipotequei meu apartamento, assinei promissórias, passei a viver num inferno de temores e de insegurança. Mas, — consolava-me, — aquele amor, que me fazia viver com uma intensidade que jamais experimentara, que me fazia conhecer emoções até então inéditas, que me trazia uma juventude ines-

E outra vez foi o telefone o intermediário de um momento decisivo para mim. Por êle, veio a voz de Marilene. Aquela voz que me lembrava tanto uma outra que eu ouvira diariamente durante vinte e cinco anos... É em tom natural, como se não se desse conta do que aquilo representava para mim, ela me disse que não nos veríamos mais. Pedia-me que não mais a procuras-

Foi como uma luz, que se apagasse. Sinto que vivi um instante luminoso que não mais se repetirá. Apesar de tôdas as dívidas que terei de pagar, apesar de tudo, eu lhe sou grato. E retomei, resignado, a trilha normal que havia abandonado. Hoje, a coleção de selos, o cigarro, as finanças do clube, o trabalho, adquiriram novo sabor. Afinal de contas, se não fôsse aquela ligação errada, não haveria nada que me desse a sensação de que eu havia vivido algum dia sem os pés melancolicamente presos à terra. Morreria sem, na verdade, viver.





Cecília Fonseca Angelim, ao centro, que faz parte da diretoria da Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer, ladeada das colegas Maria Lucília Madeira e Lígia Moreira, que também tanto têm feito na CTB pela entidade, mostra algumas das utilidades à benemérita campanha.

## GENTE NOSSA

### CECÍLIA FONSECA ANGELIM Na campanha contra o câncer

**O** CANCER, insidiosa moléstia que tantas vítimas tem feito, tem sido combatido de todos os modos e numa luta que não pode esmorecer enquanto não seja encontrado seu agente e, em consequência, firmado o meio de erradicá-lo em definitivo, visto que se constitui em um dos piores inimigos do homem civilizado, sendo mesmo denominado como "doença da civilização", dada a sua incidência maior justamente nos centros onde o progresso se faz mais presente.

Na Telefônica, Divisão da Guanabara, há um benemérito movimento, plenamente autorizado e visto com a maior simpatia pela Administração da empresa que colabora ao máximo com aqueles que empregam todo o tempo de que dispõem, para minorar o sofrimento dos que a doença atingiu, ou buscam modos de melhorar os meios de que dispomos para dar combate à pertinaz enfermidade. Sua inspiradora foi Cecília Fonseca Angelim, entusiasta da Legião Feminina de Combate ao Câncer que, desde 1957, começou a sua campanha de aquisição de alumínio, jornais, revistas, roupas, frutas, doces, vidros pequenos para serem utilizados

em exames de biopsia, mental etc. em meio aos demais colegas da Companhia. Todo material que é arrecadado pelos diversos Departamentos da CTB é enviado ao Hospital Mario Kroeff, ajudando de maneira positiva na luta contra o câncer. Os vidros pequenos (para depósito de material destinado a biopsias) e o dinheiro arrecadado, são enviados diretamente ao Instituto Nacional do Câncer.

Cecília Angelim e nossas colegas Maria L. Madeira e Lígia Moreira que muito auxiliam, encaminham as colegas que o desejam, ao curso de exame preventivo da Legião, procuram doadores de sangue, organizam visitas ao Hospital Mário Kroeff para conforto dos doentes, desdobrando-se nessa campanha de alto alcance moral, à qual damos a nossa inteira solidariedade.

Todos podem colaborar, pois, diariamente, uma ambulância vem à sede da CTB, no Rio, buscar o material arrecadado.

Cecília Angelim pode ser encontrada no Departamento de Estudos do Tráfego, no quinto andar do Edifício da Avenida Presidente Vargas.



As colegas de Paquetá fizeram do Natal mais um motivo de confraternização para todos.



Campo Grande, como sempre, realizou uma esplêndida reunião natalina, para alegria geral.

## NATAL NO TRÁFEGO



A direita, a comemoração em Santa Cruz. Por toda a parte o mesmo espírito de tradição.



Em Jacarepaguá, um esplêndido bôlo e um bonito presépio, marcando de maneira precisa a maior data da Cristandade.

A direita, ao centro, a magnífica mesa preparada pelas colegas de Marechal Hermes. Bem concorrida, aliás. Abaixo, nas comemorações da estação de Bangu, a música também não faltou.



Ao lado, as gentis colegas da Ilha do Governador que também tiveram uma bela festa de Natal. →

## DA GUANABARA





As simpáticas colegas que fazem parte da equipe do Serviço "06", tiveram uma boa festa.

## OS SINOS DE NATAL TRADUZEM MENSAGEM DE FRATERNIDADE

Telefonistas-chefe, assistentes, telefonistas e chefes de serviço do Interurbano, em sua alegre reunião.





Colegas de Informações e do Serviço "06" em festiva confraternização.



A esquerda, as moças de Informações festejam um gordo e risonho Noel.

Abaixo, as telefonistas do Serviço "06" com um Papai Noel duplicado a dar a medida do seu entusiasmo.





A seção de Admissão e Seleção do Pessoal, na Guanabara, aí está, tendo à direita Hélio Faria, seu chefe, e Cléo Alves, Encarregado. Fêz festa bonita e os presentes foram para todos, em meio a alegria geral.

## CONFRATERNIZAÇÃO DOS COLEGAS DA GUANABARA



Na festa promovida pela Rêde, no Restaurante de Presidente Vargas, no Rio, nossa colega Lídia, serve alguns pitéus a W. Findley, René Darbilly e Lourival Vasconcelos. Evidentemente bastante apreciados.



Ainda na festa da Rêde, outro grupo alegre em torno de uma apetitosa bandeja de comestíveis: A. Brooking, L. Padlas, James Stirling e Levy Kaufman. O sorriso da colega iluminou a foto.



Menores que tomaram parte com bastante agrado na festa realizada pelo Departamento de Suprimentos.

Outro aspecto da participação dos menores na festa de Suprimentos. Muita graça e presença de espírito.



Gilberto Tornel, Chefe das Oficinas da Rêde, ao centro, dirigiu algumas palavras a seus auxiliares, repassadas da emoção sempre presente em ocasiões semelhantes. Outra bela comemoração natalina essa das Oficinas. Aparece, na foto, de gravata "Pois", Mário Liberalli, especialmente convidado, antigo chefe das oficinas do Equipamento, que se afastou pela aposentadoria.



AV



BARRETOS



ANTOS



PIRAJU



TA. CRUZ DO RIO PARDO ↗

↘ JABOTICABAL

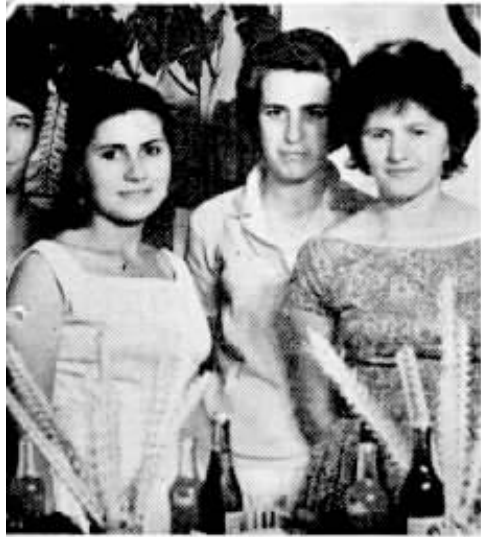


OLÍMPIA ↗





RIO CLARO



PIRACICABA



▼ AGUDOS

ASSIS ▲

▼ PENÁPOLIS





O MANUEL



OURINHOS



ARÉ



RCAS ▲



VERA CRUZ

▼ FRANCA





SÃO JOSÉ DO RIO PARDO



CAMPINAS

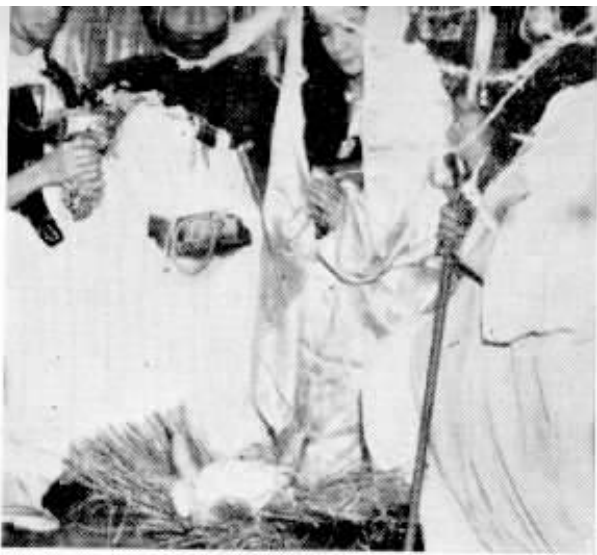


SÃO VICENTE ↗ ↘ DOIS CÔRREGOS



BAURU ↗





## NO ESTADO DO RIO O NATAL FOI BEM FESTEJADO PELOS COLEGAS

Uma bela alegoria foi o ponto culminante na festa natalina dos nossos colegas de Niterói. Tóda a imponência e ao mesmo tempo singeleza, do nascimento de Jesus, teve uma bonita representação nesta cena expressiva.



A reunião de fim de ano dos colegas de Campos nada faltou, tanto em iguarias como em entusiasmo.

Ison F. Ramos parte o bôlo que as telefonistas lideradas por Yara Etchatz confeccionaram.

Telefonistas de Campos, na data mais bonita da Cristandade, em meio à decoração festiva.





A administração da CTB ofereceu uma festa de confraternização ao pessoal sediado em São Paulo, no Club Homs. A foto: aspecto da mesa da administração, com diretores e convidados ali presentes.

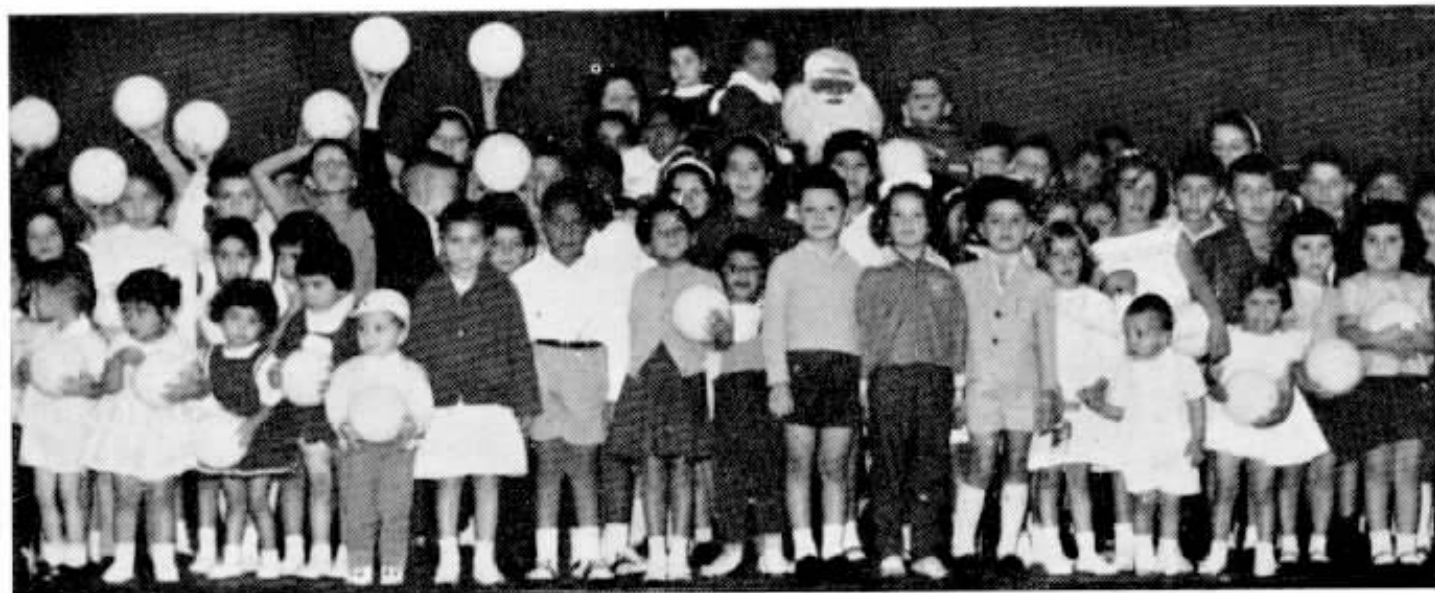


## CLUBES DE NOSSA EMPRÊSA DISTRIBUÍRAM BRINQUEDOS AOS FILHOS DOS ASSOCIADOS

O GRANDE e tradicional motivo do Natal levou mais uma vez à realização de um sem número de belas festas, marcadas pela alegria e assinaladas provas de amizade e boa camaradagem. Eis mais algumas fotos dessas festas.

Altair de Paula, presidente do Telefônica Atlético Clube, do Rio, apresentando uma das vencedoras numa das provas da festa infantil de Papai Noel, que agradou bastante a petizada.

Abaixo: a festa infantil do Telefônica Clube de São Paulo, esteve animadíssima, com abundante distribuição de brinquedos à petizada.





Presentes, sorrisos, e votos de boas festas no Expediente e Datilografia da Contabilidade.



A Contabilidade Mecanizada em tórno da árvore simbólica.



A Contabilidade da Rêde também fêz sua bela festinha.

Abaixo, aspecto da festa promovida pela Rêde do Interior à passagem do ano para os seus auxiliares e Superintendentes dos Departamentos de São Paulo. José Tonello foi o encarregado das respectivas saudações.





A comemoração natalina foi bastante festiva na estação "31", unidos colegas e familiares na mesma alegria.

## COMEMORAÇÕES DE NATAL DA FAMÍLIA TELEFÔNICA PAULISTANA

A grande festa de confraternização da família cristã, teve, em São Paulo, Capital, enorme repercussão, através das comemorações nos vários departamentos, de que damos ampla impressão, nas fotos destas páginas.

★

Ao lado, numa foto especial de Alhambra, na Califórnia, USA, onde se encontra, Jacques Ter Sarkissoff, ex-colega, e sua família. Fêz questão de mandar de lá os votos de bom Natal, integrando-se na festa que é de todos nós, conforme carta abaixo publicada na íntegra:

"Caro amigo Sr. Wilson P. Cunha:

Aproximando as festividades de Natal e Ano Novo, gostaria tanto de escrever uma carta a cada um de meus amigos da CTB. Como não me é possível realizar êsse desejo, veio-me a idéia de escrever esta carta ao senhor, meu caro amigo e Superintendente Geral do Pessoal.

Peço ao senhor, publicar, se fôr possível, esta carta no "Sino Azul", realizando assim meu objetivo de dar, através dela, um grande abraço a todos os amigos que aí deixei, desejando-lhes um Feliz Natal e um muito bom Ano Novo, com muita saúde, felicidade e paz.

Só agora, quando estou longe do Brasil, tanto eu como minha família, sentimos saudades de todos. Sem dúvida os 14 anos passados no Brasil são uma grande parte da existência e sobre eles podemos dizer que foram os mais felizes.

Fechando os olhos estou vendo as nossas festas de entregas de emblemas: Rio, São Paulo, Santos, Campinas, Bauru, Araraquara, Taubaté... Viagem pelo interior; inauguração dos equipamentos urbanos e interurbanos e até, sem grande esforço, poderei mencionar centenas e centenas de nomes muito queridos que passam pela minha memória.

Termino esta carta agradecendo a todos a felicidade que me proporcionaram quando juntos trabalhamos e pelos mag-



níficos presentes e atenções dispensadas à minha família por ocasião de nossa despedida.

Deus abençoe a todos os amigos da CTB. Como minha Secretária não pode mais preparar minha correspondência, pois ficou aí muito longe, minha esposa preparou esta carta "tant bien que mal".

Peço que me desculpem as faltas que cometi.

Abraço do,  
(a) Jacques Ter Sarkissoff".

# ENIGMA dos ENGANOS



VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ  
CONSEGUE DESCOBRIR OS  
ENGANOS COMPARANDO  
O DESENHO ① COM O ②  
(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



## REUNIÃO DA RÊDE NA GUANABARA DÁ PRÊMIOS

COM a presença de representantes de todos os setores de Manutenção e Construção da Rêde, na Guanabara, como sejam Distritos e Seções de Construção, Instalação de Equipamento de Estações e Mesas de Ligações, Administração e Superintendência da Divisão, foi realizada mais uma reunião específica mensal, na qual, como sempre, foi feito o exame dos resultados da Rêde em todos os seus ângulos de operação.

Miguel D'Almeida Anastácio, responsável pelo Setor de Análise e Coordenação de Defeitos da Rêde, fez os comentários dos gráficos correspondentes aos códigos de



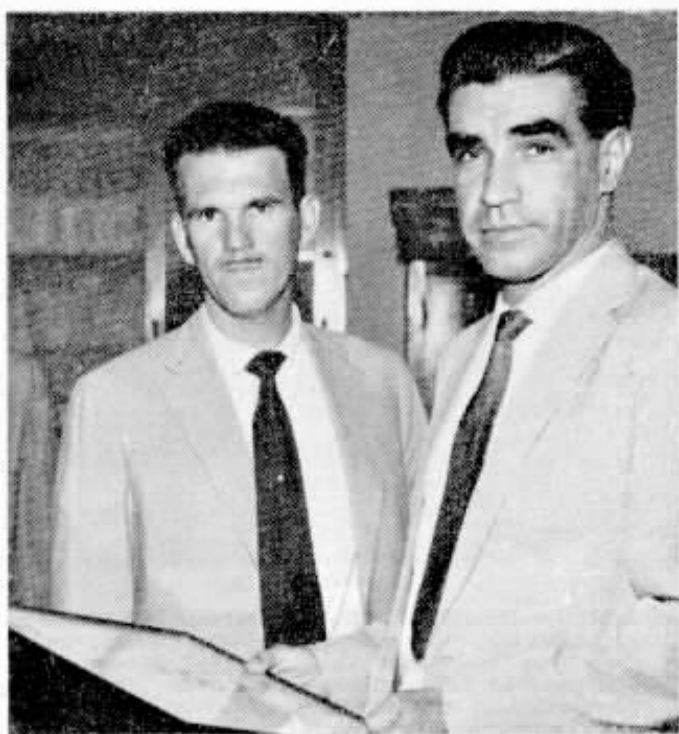
Paulo Coelho, Superintendente da Rêde da Guanabara, faz entrega a Antônio Almeida Avila, Encarregado Geral do Centralizado de Copacabana, do presente que lhe coube por sortio, na proveitosa reunião.

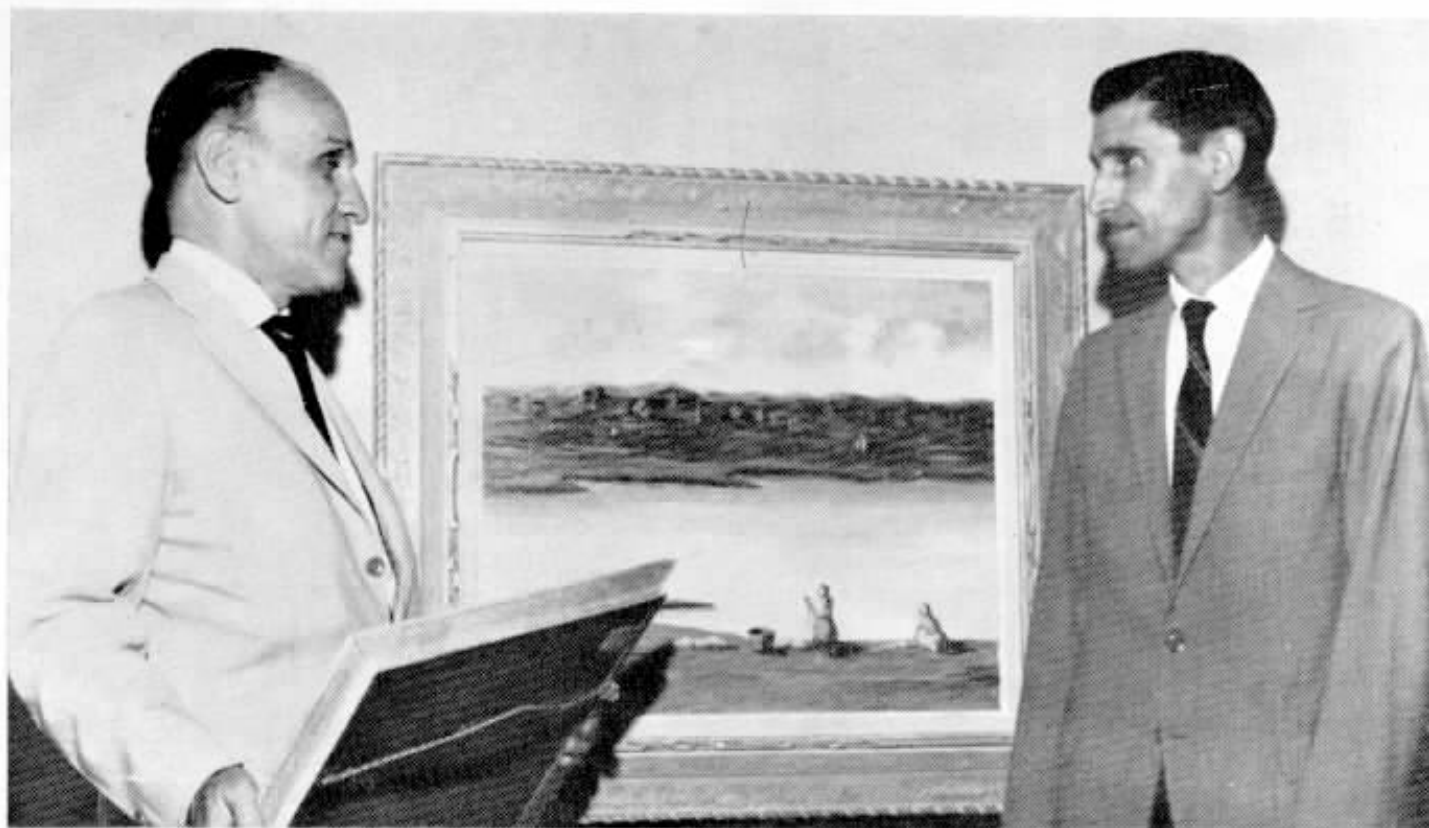
defeitos da Rêde, terminando a reunião que foi a 103.<sup>a</sup> do gênero, com uma confraternização entre chefes e subordinados, presente inclusive

Paulo Coelho, Superintendente da Divisão, com distribuição de prêmios e troféus de eficiência aos diversos setores.

Abaixo, flagrante da ocasião em que Josino S. Reis, Chefe da Seção de Administração da Divisão, fazia a entrega do Troféu de Eficiência de Equipamento de Estações a Guilherme E. Neves, Ch. fe de Distrito da Rêde A-3. Uma bonita festa.

Wilmer João Perez, Chefe da Seção de Construção, conferiu a Edezio Leone Magalhães Souza, Encarregado, representando o Encarregado Geral da Manutenção, do Troféu de Eficiência de Manutenção Preventiva da Rêde de cabos em geral.





No setor de Pintura, Augusto Flavoni, artista consagrado em múltiplas exposições, conseguiu o galardão máximo com medalha de ouro. A dir., outro colega da CTB que obteve Menção Honrosa: Américo M. Vidal.

## COLEGAS SE DESTACARAM NA VIII MOSTRA DE ARTE



Jorge Damigo obteve medalha de bronze, no difícil setor da arte fotográfica. Apresentou excelentes trabalhos no gênero à Comissão Julgadora que não teve a menor dúvida na classificação que lhe conferiu. Um valioso prêmio a um justo valor.



Cléo de Souza Alves, do Departamento do Pessoal, é um entusiasta de pescarias, ocupação que lhe toma, comumente, o fim de semana. Nada mais natural pois que a sugestão por ele apresentada em Artes Decorativas e que lhe valeu o 1.º prêmio: uma tarrafa.

**E**M comemoração ao vigésimo nono aniversário da Biblioteca Circulante dos Empregados nos Serviços de Carris, Luz e Força, Gás e Telefones do Rio de Janeiro, foi realizada a oitava Mostra de Arte, certame de elevada categoria que envolve em magnífica disputa, trabalhos executados nos setores de Pintura, Escultura, Desenho, Cerâmica, Fotografia, Artes Decorativas, Corte e Costura, Bordado, Crochê e Tricô e Adornos domésticos, por funcionários das companhias associadas, na Guanabara.

Colegas nossos levantaram vários primeiros prêmios, bem como outras classificações em diferentes categorias.



O setor de Pintura revela sempre um grande número de bons artistas, nessas mostras de arte. Miguel Anastácio, do Departamento da Rede, do Rio, teve uma menção honrosa com o trabalho de elevado mérito.



Glória Mattos Lima, do Tráfego, obteve um magnífico segundo lugar em Corte e Costura. Na exposição, como bem o demonstra na foto, mostrou quanto vale seu talento.



Floriano Ramos alcançou bom resultado com as suas fotografias de arte: uma medalha de prata. E suas fotos, flagrantemente magníficas como concepção foram muito apreciadas.



Arminda Querido, do Tráfego, foi distinguida com o segundo prêmio em Artes Decorativas, modalidade em que colegas arrebatarem grande número de prêmios merecidos.

# VETERANOS DA GUANABARA

**M**ARCADA pelo alto espírito de camaradagem que sempre está presente em solenidade desta natureza, quando colegas veteranos e novos, chefes e familiares, se irmanam no mesmo sentimento de alegria, realizou-se mais uma reunião na Guanabara, destinada a homenagear aqueles que completaram novas etapas de serviço, dando o melhor de si mesmos ao seu trabalho na Companhia e, em última análise, ao bem estar da coletividade, atuando como atuam, num serviço público de vital importância para a comunidade.

Nada menos do que seis colegas completaram 40 anos de serviço na ocasião. Quatorze festejaram 35 anos. Quinze receberam emblemas por trinta anos de atuação na empresa, sendo muitos os que variaram de 25 a 10 anos.

A reunião foi presidida pelo Sr. Carlos Reis Filho, Diretor Superintendente Geral, e a ela estiveram presentes o Gen. Pery Guedes de Carvalho, Interventor Federal na CTB; Diretores, Superintendentes Gerais de Deptos., chefes, colegas, transcorrendo a solenidade em meio ao mais vivo entusiasmo.



O Sr. Thomas Douglas Christian, Diretor, completou vinte anos de atuação em nossa empresa, recebendo, por isso, um abraço do Sr. Carlos Reis Filho, Diretor Superintendente Geral da CTB.



Gastão Vaz, Superintendente do Tráfego, e Josefina Vieira Gmbier, do Tráfego do Estado do Rio, completaram quarenta anos de serviços prestados à Companhia Telefônica Brasileira.



Indaylva S. Pereira e Eduardo P. Cunha, dois veteranos, de 40 e 35 anos de CTB, respectivamente, conversam animadamente recordando fatos.

Mario Jacinto de Araújo, do Comercial, recebe de L. J. Goulart, Superintendente Geral Comercial, o seu emblema de 35 anos.



Rodolfo Lima Moulin, da Engenharia, completou 35 anos de serviços à CTB. Figura das mais populares na empresa, recebeu múltiplos abraços, e o emblema das mãos do Dr. J. A. Wiltgen, Engenheiro-Chefe.



Eurydice Alves Gonçalves, da Rede da Guanabara, é outra veterana de trinta e cinco anos de serviço que foi bastante aplaudida. Entregou-lhe o emblema, R. C. Darbilly, Superintendente Geral da Rede.



João Antônio Ribeiro Netto, da Contabilidade, recebeu o seu emblema de 35 anos de lida telefônica e um abraço de Anselmo Patricio, Controlador.



Othilia Braga Pereira, da Rede de Divisão, festejou trinta e cinco anos de CTB.



José Racero Escobar, do Departamento da Rede — 35 anos.



Waldemar dos Santos, da Rede de Divisão, também conta 35 anos de CTB.

# VETERANOS DE TAUBATÉ RECEBEM SEUS EMBLEMAS



José Pereira, do Comercial de Taubaté, comemorou trinta e cinco anos de serviço. Seu emblema



O Superintendente Geral do Pessoal, Wilson P. Cunha, entregou a Isaltina M. Silva seu emblema de 30 anos de serviços. Ao centro, Ney Marques Fontes, Superintendente do Tráfego do interior de S. Paulo.

**N**A sede da Associação dos Empregados no Comércio, realizou-se, em Taubaté, a cerimônia da entrega de emblemas a veteranos pertencentes àquela Zona, sob a presidência de Haroldo Prestes Miramontes, Superintendente comercial — Relações com outras Empresas, na qualidade de representante de José Portugal Gouvêa, Diretor e Superintendente Comercial do Interior.

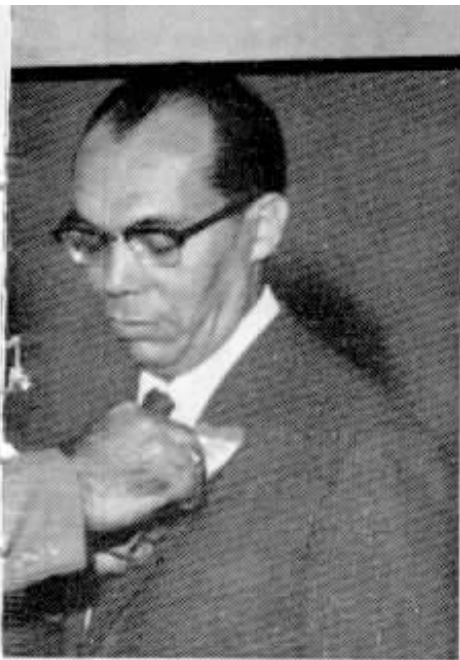
Chefes diversos prestigiaram o ato, estando presente, acompanhado de sua esposa, Wilson P. Cunha, Superintendente Geral do Pessoal.

Vinte e três foram os veteranos homenageados, seguindo-se um churrasco.

★



José Tonello, Superintendente do Departamento da Rede do Interior, é obsequiado por gentil colega, que lhe oferece, com um sorriso, apetitosa guloseima.



foi entregue por Haroldo Prestes Miramontes, recebendo na ocasião, merecidas salvas de palmas.



Iracema Moraes Salles, outra veterana de trinta anos de serviços prestados à CTB, do Tráfego de Pindamonh ngaba. A Sra. Wilson P. Cunha fêz-lhe a entrega do respectivo emblema.



Irene Affonso Marcondes, colega de 25 anos de serviço, recebe, feliz, um abraço muito querido. Várias foram as homenagens recebidas.



Maria de Oliveira Neves, 25 anos, do Tráfego de Mogi das Cruzes. Emblema entregue por Wladimir R. Cereto, do Tráfego de Santos.



Participantes da prova rústica patrocinada pelo SESI: Ilton Oliveira, Francisco Guedes, Francisco Cortez (treinador da equipe) e Gastão Nogueira (vencedor da prova) e o presidente do TAC, Altair de Paula.

## TELEFÔNICA A. C. - CAMPEÃO DO SESI

**O** TELEFÔNICA Atlético Clube da Guanabara, demonstrando o bom preparo físico de seus atletas e o empenho com que perseguem a vitória, sagrou-se campeão da prova rústica promovida pelo SESI, além de levantar vários títulos no CEMDECA (Centro Metropolitano de Desportos dos Empregados das Cias. Associadas), colocando-se sempre em situação honrosa quando não logrou o prêmio máximo.

Assim, foi Pentacampeão de xadrez e campeão de tênis de mesa no CEMDECA colocando-se em terceiro em futebol de salão juvenil e em futebol de campo. No SESI, campeão de atletismo e vice de basquetebol, quarto em tênis de mesa. Na série do Ministério do Trabalho, campeão de basquetebol, sendo René Eduardo Salomon, verdadeiro "cestinha", fazendo, em sete partidas, 197 pontos.

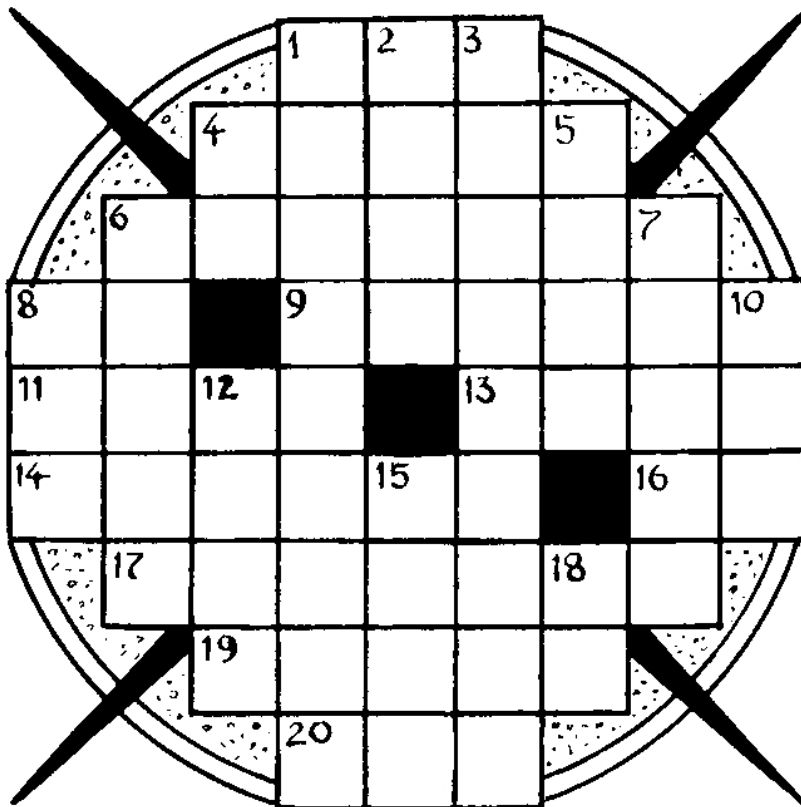
Francisco Cortez, diretor de atletismo; Cláudio Bandeira de Mello, de xadrez; Nelson Rodrigues, de tênis de mesa; Vicente Turco, de basquetebol; Geraldo Moreno e Carlos Baptista Martinho, diretores de esporte, estão de parabéns.



Mais uma do "cestinha" René, sensação no Campeonato do Ministério do Trabalho, no jogo entre o TAC e o Siderúrgica de Volta Redonda, no Ginásio da Escola Técnica Nacional.

# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1



**HORIZONTAIS:** 1 — Companhia Telefônica Brasileira. 4 — Nome próprio feminino. 6 — Ruminante do deserto (pl.). 8 — Oferece. 9 — Cobrir de mata. 11 — Perfume. 13 — Superfície. 14 — Que rouba, rapinante. 16 — Pronome pessoal. 17 — Faria girar em torno de si. 19 — Folhagens das árvores. 20 — Condimento.

**VERTICAIS:** 1 — Amigos. 2 — Comitiva. 3 — Que tem dois lados. 4 — Perversa. 5 — Macaco da América. 6 — Não falar. 7 — Mulher que foi canonizada. 8 — Mágoa. 10 — República Árabe Unida. 12 — Ser contra. 15 — Móvel onde se deita. 18 — O Absoluto na filosofia indú.

Com este número iniciamos em SINO AZUL, a publicação de problemas de palavras cruzadas. É o primeiro resultado da nossa "enquête". Muitos leitores pediram essa publicação. Os resultados do problema número um serão publicados na próxima edição.

## SOLUÇÃO DO "ENIGMA DOS ENGANOS"



O objeto sumiu da mesa

Sem o passador do cinto

Retirado o fio do telefone

Sumiram os pés do telefone

O disco sem o símbolo CTB

A manga do paletó sem os botões

Cortado o fio do telefone

Caixa sem o emblema da CTB

Menos uma ferramenta na mesa

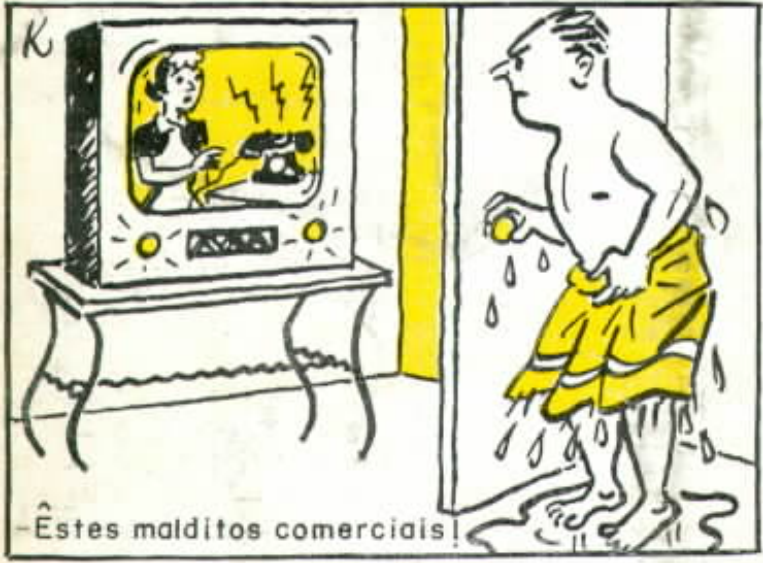


# Sino Humor

através da imprensa mundial



- Qual é a sua opinião, doutor?



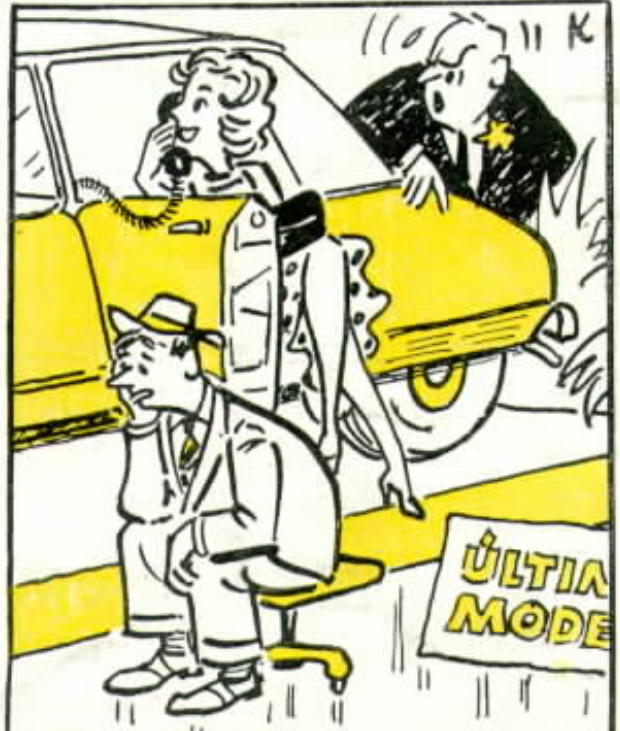
-Êstes malditos comerciais!



- Eu vou desligar. A loja está cheia e aqui há alguém que deseja telefonar...



-No início eu pensava que êle vinha por causa da sua filha, mas agora acredito que é por causa do telefone!



-A senhora pode experimentar o telefone, mas eu acho que já está passando um pouquinho da conta...